

## **Robert Vannoy , Deuteronômio, Palestra 10A**

© 2011, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

### **Analogia do Tratado da Aliança e Data do Deuteronômio – Objecções e Respostas**

#### Tratados Sefire Aramaicos e suas diferenças

Enquanto os tratados aramaicos citam os deuses de ambos os lugares, os tratados assírios citam apenas os deuses do rei assírio. Existem certas características dos tratados aramaicos que parecem mais próximas dos tratados hititas. Na seleção dos deuses chamados como testemunhas do tratado, o tratado aramaico cita os deuses tanto do suserano quanto do vassalo, do grande rei e do vassalo. Os tratados hititas também nomeiam os deuses de ambos os parceiros como testemunhas, enquanto os tratados assírios nomeiam apenas os deuses assírios. Em outros pontos bastante técnicos de estilo de formulação nos tratados aramaicos de Sefire , que não irei abordar, mas há muita fraseologia que está mais próxima da do tratado hitita do que da do tratado assírio no estilo de formulação. Assim, encontramos certos segmentos dos tratados de Sefire mais próximos dos tratados hititas do que dos tratados assírios.

Conclusões a respeito dos tratados de Sefire . Eles exibem certas afinidades estreitas com os tratados hititas anteriores, mas ao mesmo tempo diferenças importantes, particularmente a falta do prólogo histórico, da obrigação básica e da natureza unilateral das estipulações. Bem, não mencionei a natureza unilateral das estipulações, mas há muito mais cláusulas que protegem os direitos do sócio principal nos tratados de Sefire do que em comparação com os tratados hititas.

#### 3. Implicações da Analogia do Tratado e da Aliança para a Data de Deuteronômio

3. Aqui está, “Implicações da Analogia do Tratado e da Aliança para a Data de Deuteronômio”. Para reunir tudo isso, as evidências atuais indicam que o tratado de suserania hitita representa uma forma inicial única do documento do

tratado que não é duplicado nos tratados assírios de Esarhaddon do final do século VII, ou nos tratados aramaicos de Sefire, o que Kline chama de seu clássico forma. E conectado com essa diferença de forma está um espírito diferente. A gratidão e o respeito do vassalo pelo suserano são um elemento essencial nos tratados hititas. Isto é bastante diferente dos tratados da Assíria e de Sefire. Assim, Kline fala com razão da evolução da forma documental do tratado de suserania. E embora as diferenças não devam ser exageradas e Kline admita isso, ele diz: “Na verdade, há uma espécie que encontramos ao longo do Antigo Testamento e, apesar dessa espécie, existem certos elementos paralelos, mas existem essas diferenças que pode ser apontado. Penso que há razão para definir esta evolução discernível, e então o Deuteronômio corresponde mais de perto, em sua estrutura e espírito, aos primeiros tratados hititas do que aos tratados de Sefire do século VIII ou aos tratados assírios do século VII.” Essa é a tese dele.

A conclusão de S o Kline, página 43, em *O Tratado do Grande Rei*, creio que tem muito mérito e merece mais atenção do que tem recebido. Ele coloca desta forma: “Embora seja necessário reconhecer a sua continuidade e padrão essencial entre os tratados anteriores e posteriores, é apropriado distinguir os tratados hititas do segundo milênio a.C. como a forma clássica e, sem qualquer dúvida, o livro de Deuteronômio pertence à fase clássica desta evolução documental. Aqui está, então, uma confirmação significativa de um caso *prima facie* da origem mosaica do tratado Deuteronômico do grande rei.” Essa é a natureza do argumento de Kline; essa é a base sobre a qual ele repousa. Acho que ele fez um bom caso.

Rejeição da conclusão de Kline: prólogo histórico do século VII (?)

Agora o nosso tempo está a esgotar-se rapidamente, mas permitam-me - antes de entrar nas respostas de alguns estudiosos críticos contemporâneos que rejeitam esta conclusão e porquê - mencionar apenas JA Thompson novamente. Alguns de vocês já devem ter lido isso em seu comentário sobre Deuteronômio

que está na *Série de Comentários de Tyndale*, páginas 51 e 52, naquela seção introdutória. Ele expressa reservas quanto à força do argumento de Kline. Aqui está o que ele diz: “Deve-se admitir a possibilidade de que Deuteronômio tenha sido moldado na forma de um antigo tratado por alguém que escreveu muito depois dos dias de Moisés”. Alguém que escreveu mais tarde colocou este material na forma anterior. Além disso, questiona a opinião de que o prólogo histórico era exclusivamente característico dos tratados do segundo milênio a.C., citando um artigo de AF Campbell sobre o prólogo histórico num tratado do século VII. Agora, como indiquei há poucos minutos, o prólogo histórico estava no tratado hitita, mas não era conhecido em nenhuma parte do tratado dos séculos <sup>VII</sup> ou <sup>VIII</sup>. Thompson cita um artigo de AF Campbell, “Um Prólogo Histórico no Tratado do Sétimo Século”. Thompson conclui então: “Portanto, o fato de Deuteronômio ter uma introdução histórica não é necessariamente um argumento para uma data no segundo milênio, embora possa ser”. Por outras palavras, se tivermos aqui o tratado com um prólogo histórico, o facto de termos o prólogo histórico aqui não é necessariamente um argumento a favor de uma data mosaica, embora possa ser.

### Resposta

de Vannoy Agora, em resposta a isso, penso que deve ser notado que o prólogo histórico encontrado por este homem Campbell e que ele cita num documento do século VII não é um exemplo claro. Eu poderia encaminhá-lo para um artigo que discute isso e o aborda em detalhes. Um comentário de outro colega é muito confuso. EF Campbell, em comparação com um AF Campbell – dois artigos diferentes em dois periódicos diferentes – EF Campbell diz: “A leitura está longe de ser clara” de que existe um prólogo histórico no tratado do século VII. Além disso, penso que isto deve ser observado, que embora a possibilidade de alguém ter moldado Deuteronômio na forma do tratado muito depois dos dias de Moisés não possa ser totalmente descartada; você não pode descartar totalmente isso como uma possibilidade teórica. Alguém poderia, mais tarde, ter usado o formato do

tratado hitita, pegado o material e corrido com ele. Você não pode descartar isso como uma possibilidade. Ainda assim, a posição de Kline dificilmente é invalidada desta forma, e o seu modelo ainda tem muitas evidências a seu favor.

Kline comenta em seu livro mais recente, *A Estrutura da Autoridade Bíblica*, página 10: “Se uma vez for reconhecido que o tratado Deuteronomico deve ter sido produzido inteiro para uma ocasião específica, a orientação generalizada do livro para a situação de Israel no A era mosaica, e especialmente a preocupação central deste tratado com, entre todas as coisas, a sucessão dinástica de Josué, que é sempre estranha para os defensores da origem do livro no século VII, torna-se bastante explicável para eles. Em outras palavras, se você considerar a estrutura do Deuteronomio como um todo, e tudo isso empurra para a era mosaica, e particularmente a questão da sucessão dinástica de Josué e Moisés, isso se torna bastante inexplicável para alguém que queira manter uma origem do século VII.

Nosso tempo acabou. Isto está demorando muito mais do que eu esperava porque queria discutir, antes de suas apresentações começarem, esta questão da centralização do culto. Só tenho mais duas horas de aula. Posso não conseguir. Na próxima hora veremos alguns estudiosos que rejeitam o modelo de Kline.

**Começa na próxima hora:**

b. Respostas de alguns estudiosos críticos contemporâneos que rejeitam a conclusão de que a evolução desta forma de tratado aponta para uma origem mosaica para o livro de Deuteronomio.

Deuteronomio corresponde à fase clássica da forma do tratado. Observamos que em “a”, “A Comparação com os Tratados Assírios e de Sefire com os Tratados Hititas”. O “b” minúsculo é: “Respostas de alguns estudiosos críticos contemporâneos que rejeitam a conclusão de que a evolução desta forma de tratado aponta para uma origem mosaica para o livro de Deuteronomio”. Não podemos fazer isso em detalhes. Quero passar ao nosso próximo tópico que é a

centralização da adoração, mas teremos que ver como vai ser. Um homem chamado JC Plasteras no *Catholic Biblical Quarterly*, 1967, revisou *Ancient Orient and Old Testament*, de KA Kitchen . Esse é um livro com o qual você está familiarizado. Kitchen no *Antigo Oriente e no Antigo Testamento* realmente assume uma posição muito semelhante à de Kline, argumentando com base em uma estrutura de tratado para uma era mosaica para a origem do Deuteronômio.

### 1. Argumento de

Plasteras Contra K. Cozinha Plasteras diz, e vou apenas citar um parágrafo dele: “Ele, [Kitchen] argumenta contra DJ McCarthy e a favor da posição anterior sem nuances de GE Mendenhall de que a forma de tratado semelhante às tradições da aliança do Antigo Testamento eram atuais apenas durante o segundo milênio, mas não depois. Muito bem, mas então Kitchen conclui que as narrativas da aliança não poderiam ter assumido seis formas literárias apenas no século VI, uma vez que os escritores não poderiam ter tido conhecimento das formas da aliança, há muito obsoletas. Kitchen parece ter esquecido o fato essencial de que não importa em que data a forma da aliança hitita tenha deixado de ser usada no Antigo Oriente Próximo, Israel sempre teria mantido a mesma forma básica da aliança em seu culto. Assim, cada camada da tradição, J, E, D, ou a combinação redacional dessas fontes anteriores refletiria a mesma estrutura básica da aliança.” O que ele está realmente a argumentar é simplesmente isto: a forma que encontramos no material bíblico corresponde à evolução do tratado com a forma hitita no segundo milênio. Mas o que ele está dizendo é que o argumento de Kitchen presume que Israel não poderia ter adotado a forma muito mais tarde, tendo esta forma preservada de alguma forma no culto, e então adotada num momento muito posterior. Portanto, argumentar que o Deuteronômio deve ser composto no segundo milênio ignora a possibilidade de preservação no culto. Portanto, o Deuteronômio poderia ter sido composto posteriormente.

Agora, penso que temos de admitir isso como uma possibilidade teórica,

mas penso que o que essa posição deixa em aberto é a questão de quando a forma da aliança foi adotada em Israel. De onde veio essa forma de culto? Quando foi originalmente adotado em Israel? E, além disso, as objeções que fizemos anteriormente a alguma derivação simplesmente cúltica da forma que menospreza o cenário histórico, a ocasião e a base para todo o relacionamento da aliança certamente também devem ser levadas em consideração sobre isso. A hipótese da origem do culto não faz justiça ao argumento de Kline . Mesmo se você assumir uma origem cultual para a forma, de onde isso vem? Acho que você ainda enfrenta a força da posição de Kline.

Assim, mesmo a concessão da posição de Plasteras não exclui uma possibilidade de data anterior, mas apenas fornece uma justificativa para uma data tardia, tendo em vista a antiguidade admitida da forma. Ele está apenas dando uma justificativa para manter esta data tardia enquanto admite a antiguidade da forma. Isso não força você a chegar a uma data tardia, mas ele dá uma justificativa para uma data tardia, ao mesmo tempo que admite que isso poderia ser visto de outra maneira. Portanto, há certa inconclusividade nesse tipo de argumentação, e acho que é preciso manter isso em mente. Mesmo quando você defende uma data mosaica, você não pode, em última análise, provar em nenhum sentido final que Deuteronômio é mosaico argumentando com base em sua forma. No entanto, acho que você pode construir um caso que tenha muito peso.

Então essa é uma objeção representativa a esta posição e a razão pela qual ele a segue. Eu diria que a persistência em encontrar esta forma, e as conclusões da forma do tratado em todas as fases e em todos os tipos de aplicações diferentes ao longo da história de Israel, apontam para essa conclusão. Por exemplo, você pega a oração de Salomão no momento da dedicação do templo em 1 Reis 8, e a oração segue aproximadamente esta forma. Agora tenho certeza de que Salomão não estava pensando conscientemente em tratados, ou mesmo talvez no documento da aliança do Sinai, ou algo assim. Mas no caráter da fé de Israel e na sequência disso: “Eu [Yahweh] fiz isso por você [Israel], você tem essas

obrigações e as bênçãos e maldições resultantes”. Isto estava tão enraizado na maneira como Israel adorava ao Senhor e pensava no Senhor que se reflete de muitas maneiras. Você encontra tudo isso ao longo da história de Israel. Se você vai dizer que todo esse formulário está atrasado, então, é claro, você pega a oração de Salomão e diz que a de Salomão realmente não orou dessa forma. Pelo contrário, esta é uma construção tardia daquilo que o falecido editor do Deuteronômio construiu miticamente sobre o que Salomão deveria ter dito. Então você arranca a oração de Salomão do contexto atual em que ela se passa na narrativa.

## 2. O argumento de Frankena e as maldições da aliança

Outra pessoa que levantou uma questão é R. Frankena . Isso está na sua bibliografia. “Os Tratados Vassallos de Esarhaddon e a Datação de Deuteronômio”, é o seu artigo. Os tratados vassallos de Esarhaddon, como sabemos, são tratados assírios do final do século VII. É neste volume que acabei de tirar da estante reserva: *Alt Testamentium Studium* , volume 14. São coleções de artigos que aparecem anualmente. Muitos dos artigos estão em inglês. Há muitos artigos úteis nesses 14 volumes. Este artigo de Frankena está no volume 14, 1965, páginas 122 a 154. Ele argumenta em seu artigo sobre os tratados de vassalo de Esarhaddon para a data do século 7<sup>para</sup> Deuteronômio com base em certos pontos de correspondência entre formulações de maldição nos tratados de Esarhaddon e em Deuteronômio. Certas formulações de maldições encontradas nos tratados de Esarhaddon, ressalta ele, têm semelhanças com algumas das maldições em Deuteronômio, capítulo 28.

Sua conclusão está na página 153: “A reforma religiosa de Josias foi dirigida contra a Assíria e, portanto, é tentador considerar a aliança renovada com Yahweh como uma substituição do antigo tratado com o rei da Assíria. Que o texto desta aliança traia o conhecimento dos tratados assírios, que parece substituir, parece-me natural. Além disso, a datação do Deuteronômio encontraria,

nesse caso, corroboração de uma forma bastante inesperada, no tempo de Josias. Naquela época, o poder assírio impediu Israel de afirmar a sua independência e, nesse sentido, o Deuteronômio é um documento de tratado de fidelidade a Yahweh, não mais de lealdade à Assíria.” Mas o escritor do Deuteronômio, à medida que Frankena desenvolve sua tese, quase copiou muitas dessas maldições diretamente do tratado assírio que lhe era familiar. “Portanto, esse Deuteronômio é posterior e dependente do tratado assírio de Esarhaddon.” Ele argumenta com base nisso para uma data no tempo de Josias, em vez da origem mosaica.

Agora, o interessante é que ele nunca discute as implicações das diferenças que temos falado sobre a estrutura entre os tratados hititas e os tratados assírios. Ele simplesmente não discute a falta do prólogo histórico, por exemplo. Ele faz um comentário que se relaciona ainda mais com esse assunto. Na página 136 ele diz: “A omissão das bênçãos nos tratados assírios pode ser devido ao fato de que o tratado concederia automaticamente bênçãos ao vassalo fiel”. Em outras palavras, ele reconhece a diferença entre as bênçãos estarem nos tratados hititas, mas não nos tratados assírios. Por que não há bênçãos nos tratados assírios? Bem, talvez a ideia seja que o tratado concederia automaticamente bênçãos ao vassalo fiel. Mas ele realmente não entra em nenhuma discussão sobre como explicar a diferença na estrutura *total* e na forma se o documento de Deuteronômio é essencialmente emprestado do documento assírio.

A resposta de Kline a Frankena

Agora, Kline estava ciente deste artigo de Frankena quando escreveu seu livro, *A Estrutura da Autoridade Bíblica*. No livro de Kline, *A Estrutura da Autoridade Bíblica*, ele diz: “Quanto às semelhanças de um grupo de maldições Deuteronômicas com uma seção de maldições no tratado [assírio] posterior, esta não é uma evidência adequada para datar até mesmo este material específico tarde.” Por que? Ele diz: “Pois a tradição de formulários de maldições remonta ao segundo milênio aC”. Em outras palavras, existe uma forma tradicional de formular

maldições, e esse tipo de forma estereotipada e tradicional de fazer isso é algo que remonta a muito tempo atrás. . “Além disso, uma vez que os críticos em questão supõem que Deuterônômio se desenvolveu ao longo de um período de tempo através de um processo de acréscimos e modificações, eles não estariam em posição de apelar para a presença de formulações demonstrativamente de maldições do século VII · se existissem, como evidências convincentes da origem tardia da estrutura do tratado do livro como um todo.”

Então, parece-me que o ponto a ser destacado é: você mesmo pode examinar essas formulações se quiser olhar em detalhes e ver até que ponto você acha que qualquer um dos argumentos é válido. Existem semelhanças gerais; o texto é diferente, foi modificado, mas existem tipos semelhantes de maldições. Parece-me que isso pode ser explicado muito mais facilmente pela natureza bastante estereotipada e comum das maldições no Antigo Oriente Próximo em geral, que estão incluídas no livro de Deuterônômio, que remonta até mesmo aos tratados hititas, e não pela dependência do Da mesma forma que os tratados assírios são e muito mais importantes, Frankena nada diz sobre a explicação para a correspondência na estrutura do Deuterônômio como um *todo* com a dos tratados hititas em comparação com os tratados assírios.

Kitchen in *Ancient Orient and Old Testament* comenta o artigo de Frankena em uma nota de rodapé, página 100. Ele diz: “Comparações úteis entre as maldições de Deuterônômio e os tratados neo-assírios são feitas por R. Frankena e Moshe Weinfeld . No entanto, eles revelam alguma ingenuidade ao presumir que a semelhança significa automaticamente a dependência hebraica dos últimos tratados assírios. Os antigos dados babilônicos citados por Weinfeld já apontam para uma resposta diferente, para uma tradição de longa data que remonta pelo menos ao segundo <sup>milênio</sup>, e que poderia ter sido conhecida nas terras ocidentais mesmo antes de Moisés.” Ele argumenta da mesma maneira que discutimos acima. Mas você deve estar ciente de que este material do tratado foi usado por Frankena e Weinfeld , e ambos o utilizam para defender uma data tardia.

Aqui está von Rad , e não entrarei em detalhes porque já o discutimos antes. Ele vê a estrutura e admite que esta estrutura é análoga à estrutura do tratado hitita; deve haver um relacionamento, mas ele se apegua a esse tipo de argumento de culto e defende uma data tardia. Ele não depende do tratado assírio, mas na sua opinião todo o desenvolvimento do livro é tal que todas essas camadas do material que o estrutura estão enraizadas no culto com um longo processo de desenvolvimento. Ele não diz até onde vai ou qual foi a causa original, mas é esse o tipo de ponto de vista da origem do culto.

3. Conexão Culto/Litúrgica de Nicholson          Outro livro recente sobre Deuteronomio é de DW Nicholson intitulado *Deuteronomio e Tradição* . É muito semelhante a von Rad, mas com ligeiro desvio. Ele conclui: “A forma do Deuteronomio deriva do culto e segue o padrão litúrgico da festa da renovação da aliança”. Mas, na sua opinião, os levitas não são os realmente responsáveis pela pregação que se encontra em Deuteronomio e pelo material de preservação. Ele considera os círculos proféticos no norte de Israel como os agentes responsáveis pela preservação e transmissão das boas tradições que sublinham o livro. Ele sugere que estes círculos de profetas fugiram para o sul após a destruição do Reino do Norte, ou seja, após 722 aC e a queda de Samaria. Eles finalmente elaboraram o seu programa de reforma durante o tempo de Manassés. Este livro da lei no templo de Jerusalém foi então encontrado durante o reinado de Josias. Assim, os círculos proféticos do norte desenvolveram este material depois de chegarem ao sul em 722 aC. Eles elaboraram este programa de reforma, que é basicamente o que você tem em Deuteronomio. Isso foi depositado no templo e finalmente encontrado durante o reinado de Josias em 621 aC Então, em certo sentido, é basicamente a antiga posição de Wellhausen, mas em vez de dizer que era todo material tardio composto na época de 621, tem um século- longa história por trás disso. Todo esse movimento profético está por trás disso e o desenvolveu. A forma original surge do culto. Até onde isso vai e de onde se originou é deixado em

aberto.

#### 4. Origem literária não cultural de Moshe Weinfeld da época de Ezequias ou Josias

Um sobrenome, Moshe Weinfeld , é um nome bastante importante . Ele escreveu *Deuteronômio e a Escola Deuteronômica* , que acredito ser da Oxford University Press. Recentemente, foi lançado nos últimos anos. Ele se opôs a qualquer derivação cultural da forma da aliança. Em outras palavras, ele se opôs a von Rad, ou Nicholson, ou quem quer que seja. Ele diz que a estrutura do Deuteronômio segue uma tradição literária de escrita da aliança, em vez de imitar uma cerimônia de culto periódica. Em outras palavras, existe uma tradição literária por trás da estrutura do Deuteronômio, e não algum tipo de cerimônia de culto. Em vez de então atribuir o livro aos círculos levíticos como von Rad, ou profético como Nicholson, ele o atribui aos escribas da corte na época de Ezequias e Josias. Ele diz: “Se um padrão literário está por trás do livro de Deuteronômio e [por trás] da forma de Deuteronômio, seria muito mais razoável presumir que se trata de um círculo literário familiarizado com a redação de tratados”. Em outras palavras, os escribas da corte compuseram o livro de Deuteronômio.

Agora, Weinfeld rejeita a visão de Mendenhall, Kline, Bright e Albright de que o tratado hitita é único e que a forma da aliança do Deuteronômio, portanto, corresponde à forma clássica do segundo milênio aC. Ele rejeita essa visão; ele afirma que a forma do tratado é basicamente apenas uma forma do começo ao fim. Ele descarta a falta de um prólogo histórico nos tratados assírios como insignificante. Não é importante que não haja prólogo histórico. Você poderia debater isso, mas acho que é extremamente importante, pois já discutimos isso. Assim, ele conclui realmente de acordo com Frankena , embora numa base ligeiramente diferente. Ele concorda que o Deuteronômio reflete os tratados assírios contemporâneos, em vez dos tratados hititas anteriores. Ele rejeita esta ideia de evolução da forma documental dos tratados, concluindo que o Deuteronômio tem uma formação literária que é produto desses escribas de

Jerusalém. Esses escribas em Jerusalém estavam familiarizados com os tratados assírios. São os tratados assírios que estão por trás do Deuteronômio. Essa é a sua tese básica.

#### A resposta de Kline a Weinfeld

Kline, em seu livro *The Structure of Biblical Authority*, na página 14 comenta sobre Weinfeld. E ele diz e cito: “O personagem oratório de Deuteronômio Weinfeld explica como um artifício literário”. Deuteronômio tem caráter de oração; Moisés está dando esses discursos, esses discursos. “Weinfeld explica isso como um recurso literário. Discursos programáticos foram colocados na boca de pessoas famosas para expressar as opiniões ideológicas do autor.” Agora, isso é realmente Wellhausen de novo: temos discursos programáticos colocados na boca de Moisés, colocados na boca de Josué e colocados na boca de Samuel. É tudo de épocas posteriores sendo representado tão cedo; em suma, uma fraude piedosa.

Neste ponto Kline diz: “von Rad chega mais perto da verdade. Pois embora ele também considere fictício o lançamento de Deuteronômio na forma de um discurso de despedida de Moisés, ele pelo menos integra formalmente esse discurso com os elementos da aliança no livro. Ele identifica o discurso como um oficial se despedindo. Você tem Moisés lá se despedindo. Von Rad defende isso, e explica a presença do formulário do pacto neste e em outros discursos semelhantes, fazendo referência à prática comprovada de renovação de pactos quando os líderes vassalos transferem seu cargo para um sucessor.

Infelizmente, von Rad não consegue reconhecer na forma do discurso a verdadeira explicação do tratado exortativo Deuteronômico. O orador não deriva da pregação levítica, nem de um círculo literário tardio de escribas da corte, mas da circunstância histórica de que Deuteronômio é o depósito documental de uma renovação da aliança que foi também a despedida de Moisés a Israel. O elemento de paranesis, ou exortação, já presente até certo ponto nos antigos tratados foi

naturalmente explorado ao máximo por Moisés naquela emocionante ocasião.” Então essa é basicamente a resposta de Kline a Weinfeld . A situação em que você tem Moisés discursando ao povo no momento de sua partida, por ocasião da renovação da aliança, é uma “situação de vida” muito melhor à qual atribuir o livro de Deuteronômio do que os escribas da corte sentados em Jerusalém. na época em que Josias copiava um tratado assírio.

Fixidade do Texto de Deuteronômio      Em *A Estrutura da Autoridade Bíblica*, Kline toma essa ideia da analogia tratado/aliança e o conceito dos documentos do tratado e afirma que o texto não é algo que possa ser adulterado. Uma vez colocado no chão, foi definido. Não deveria ser adicionado, alterado ou modificado, e ele pega essa ideia e a aplica à ideia de cânon nas Escrituras. Uma vez que a Escritura é escrita e dada, é algo que não passa por todo esse processo de reformulação. Portanto, a estrutura da autoridade bíblica está ligada a isso.

Conclusão:

O debate gira em torno de várias coisas. O prólogo histórico : quão importante é isso? Os pactos bíblicos e os tratados hititas têm isso. Weinfeld argumenta que isso realmente não faz diferença. O formulário ainda é um formulário. Bem, não creio que ele perceba o significado, não apenas deste elemento na forma, mas da *função* deste elemento na forma. Você não pode simplesmente cancelar isso e ignorá-lo. Mas esse é um ponto de debate. Existe uma forma contínua desde os hititas até os assírios ou há um desenvolvimento? Há uma diferença de opinião sobre isso.

Segundo, mesmo aqueles que dizem que a forma muda dizem que isso não prova, portanto, que o material bíblico seja de origem mosaica. Mas então você não respondeu a estas perguntas: quando, onde e por que essa forma se tornou parte da história de Israel. Mesmo que Deuteronômio venha em algum momento tardio, a preservação da forma pelos levitas ou profetas, onde isso começou? Essa

é a questão. Que situação na história de Israel você pode postular além da conclusão da aliança no Sinai que realmente lhe dá uma entrada legítima dessa forma para uso israelita? Penso que existe a força do argumento de Kline, não ao ponto de uma prova conclusiva, mas é certamente o modelo mais satisfatório que lida com todos os factores envolvidos.

Eu deveria passar para a questão da centralização do culto. Você pode colocar este algarismo romano III em seu esboço. Abordaremos isso na próxima hora juntos.

Transcrito por Rachel Thomas  
Edição aproximada por Ted Hildebrandt  
Edição final por Dr. Perry Phillips  
Renarrado pelo Dr.